

# REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL HUMANO

## *REFLECTIONS ON HUMAN PSYCHOSEXUAL DEVELOPMENT*

Fábio Cristiano Lourenço<sup>1</sup>

Ana Carolina Cavallini<sup>2</sup>

### RESUMO

O pensamento freudiano abordado neste estudo foi explorado por meio de uma revisão bibliográfica que contemplou a formação da personalidade humana a partir do conceito psicanalítico de sexualidade e do desenvolvimento psicosexual enquanto preceito inexorável da pulsão de vida que emerge pela exaustão da organização libidinal. Caracterizou-se por uma perquirição sistemática dos estágios psicosexuais deprecados por Freud, o qual outorgou suntuosa magnitude ao corpo literário da psicanálise; tão logo, o esquadramento deste objeto ordenou os juízos teóricos responsáveis pelo deslindamento da cerne psicanalítica dissertada neste artigo em seu respectivo enquadramento conceitual. Por conseguinte, apreciou-se a instituição e o desenvolvimento do psiquismo humano pelo delineamento da efetiva correlação entre as experiências sexuais infantis, sobretudo as que afloram nas fases pré-genitais e suas peculiaridades idiossincráticas emergentes nas fases posteriores. Destarte, constatou-se que a repressão e a fixação da libido são fenômenos psicológicos decorrentes deste processo de maturação e que os traumas e as neuroses obsessivas configuram um quadro psicopatológico derivado da fixação de conteúdos mal elaborados; a presente investigação ocupou-se, basicamente, da análise dessas premissas.

Palavras-chave: Personalidade, Desenvolvimento, Psicosexualidade

### ABSTRACT

*The freudian thought addressed in this study was explored through a bibliographical review that contemplated the formation of the human personality from the psychoanalytic concept of sexuality and psychosexual development as an inexorable precept of the life drive that emerges by the exaggeration of the libidinal organization. It was characterized by a systematic examination of the psycho-sexual stages deprecated by Freud, which gave a sumptuous magnitude to the literary body of psychoanalysis; so soon, the scrutiny of this object ordered the theoretical judgments responsible for the detachment of the psychoanalytic core discussed in this article in its respective conceptual framework. Therefore, the institution and development of the human psyche was appreciated by the delineation of the effective correlation between infantile sexual experiences, especially those that arise in the pregenital stages and their idiosyncratic peculiarities emerging in the later phases. Thus, it was observed that repression and libido fixation are psychological phenomena resulting from this process of maturation and that traumas and obsessive neuroses constitute a psychopathological framework derived from the fixing of ill-elaborated contents; the present investigation was mainly focused on the analysis of these premises.*

*Keywords: Personality, Development, Psychosexuality*

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: fabio40.lila@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente e Orientador em Psicologia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: anaccavallini@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Denominou-se, pois, desenvolvimento psicosssexual humano, o resultado dos estudos elaborados por Sigmund Freud, o pai da psicanálise, que em sua perspectiva psicanalítica destacou a devida importância às forças inconscientes que, segundo ele, permeariam o comportamento humano. A essas forças Freud nomeou energia libidinal (CORDEIRO, 2014).

Polon e Polon (2015) esclarecem que a distinta compreensão deste fenômeno deriva de uma primorosa intelecção do conceito de libido. Ao discorrer sobre o assunto, Fulgencio (2002) elaborou tais distinções e explicou que o fenômeno da sexualidade consiste, basicamente, numa energia psíquica que se caracteriza por intermédio das pulsões, dado que, as forças psíquicas se estabelecem na qualidade de pulsão; já as energias psíquicas sexuais instituem-se como libido.

Furtado e Vieira (2014) explicam que, para Freud, a disposição e arranjo da libido compreende períodos congruentes aos impulsos deliberados à determinadas partes do corpo da criança/sujeito; a essas partes o autor nomeou por zonas erógenas: fato outorgado em função de uma apropriação de certos privilégios frente às demais zonas corpóreas. No entanto, a atuação desses impulsos não é necessariamente absoluta; isso significa que eles não operam sozinhos ou isoladamente, porquanto é possível que junto à sua dinâmica de funcionamento ainda haja uma atuação de outros impulsos, ou seja, conteúdos configurados por deliberações de origem ainda mais primitiva: fato que caracteriza um movimento psíquico de sincronismo; todavia, este evento é aqui dilucidado pela abrangência sistemática do escopo no estudo integral dos seus respectivos ciclos de desenvolvimento, os quais caracterizam o prisma de suas particularidades.

O olhar ampliado de Couto (2017) sobre o assunto, enfatiza as fases do desenvolvimento enquanto objeto de um processo que incorpora o acionamento de mecanismos de defesa como o recalque; para a autora essa disposição é posta aos fins que encerram às fixações e regressões da libido. Tão logo, o presente artigo suscitou a abordagem deste elemento enquanto objeto, isto é, uma questão central que vislumbra a compreensão da estrutura dinâmica dessa organização. A busca de respostas à dada questão teve como objetivo geral explorar os conceitos literários propostos por Freud, tal como examinar o seu desenvolvimento pela contribuição teórica de outros autores e pesquisadores da atualidade a fim de dilucidar os mais profusos aspectos da construção da personalidade humana; o desdobramento no caráter exploratório deste estudo deu à luz a objetivos específicos, os quais foram: relatar de forma contextualizada todas as fases do desenvolvimento psicosssexual aos

possíveis traços de fixação inerentes a cada período, descrever a origem dos traumas, discriminar as diferenças entre neurose comum e obsessiva e, por fim, discutir os problemas da fixação.

Com efeito, o invento de Freud (metapsicologia) é notório objeto para diversos autores. Sua capacidade intelectual é consagrada e a sua obra é continuamente lembrada por psicanalistas que ratificam a monta literária do legado freudiano a fim de extrair avanços para a atualidade, pois, tem-se em vista que a retomada de conceitos tão solidificados se faz importante porquanto a psicanálise da atualidade só é contemporânea devido a sua base tradicional, a qual permitiu evoluções.

## **2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Em suas observações clínicas Freud descobriu que em todo conteúdo traumático que era trazido por seus pacientes havia algum tipo de material reprimido que se originava desde a sua tenra idade, nos primeiros anos de vida, ou seja, para todas as situações observadas havia um determinismo psíquico. Tal constatação instituiu-se como elemento fundamental para a sua investigação sobre o dado fenômeno (JORGE, 2007).

Nos estudos que seguiram Freud concluiu que a formação da personalidade se inicia, primorosamente, logo no começo da vida; se caracteriza ante aos impulsos biológicos, às pulsões do id e também às exigências sociais, e que o desenvolvimento psicosexual, tal como os seus respectivos conflitos ocorre durante a maturação de cada fase, por toda a vida, quando o prazer sexual se desloca de uma zona erógena do corpo para outra (CLONINGER, 1999).

Brígido e Silva (2016) recordam que o pensamento psicanalítico exposto por Freud aduz um novo fundamento ao tema da sexualidade, pois, traz um reconhecimento excepcionalmente incomum a tudo aquilo que já se havia refletido sobre o assunto; desta maneira, o autor estrutura a sua concepção sob o eixo da energia libidinal; explica que essa energia vital está diretamente conectada aos instintos e que diante do ato concernente imbuí-se de um papel significativo na disposição orgânica dos seres humanos, conduzindo-se tanto no ambiente interior quanto no exterior da vida do homem, desde o seu nascimento.

Neste sentido, Zornig (2008) ressalta que a visão perscrutada e totalmente contraditória do autor sobre o referido assunto surpreendeu a sociedade vienense da época, depondo-a em estado de choque, visto que, até então, o paradigma de normalidade sexual retratava tão somente o ato na vida adulta e para os fins de reprodução da raça.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2008), desde então compreende-se que, concomitantemente ao nascimento do ser inicia-se o processo das funções sexuais, objeto da

energia libidinal, e não só a partir da puberdade como afirmavam as ideias dominantes antes de Freud; este processo segue ativo por toda a vida, e, diante deste contexto origina-se os diferentes estágios de desenvolvimento da teoria psicanalítica que serão aqui abordados, a saber: a fase oral, anal, fálica, latência e a genital.

### *2.1 Fase oral*

Para Freud (1937-1939) o órgão incipiente da vida sexual que aflora como zona erógena, engendrando exigências libidinosas ao psiquismo humano é, desde o nascimento, a boca.

Couto (2017) assinala que a boca da criança estabelece os primeiros contatos entre ela e o mundo que a rodeia e que o seio materno se configura como o primeiro objeto que faculta a pulsão sexual. Neste universo, a atividade sexual se mescla com a amamentação, ou seja, enquanto o leite satisfaz o estado biológico do bebê o seio materno atua como objeto de satisfação do corpo psíquico, porquanto, o ato da sucção concebe um liame afetivo que introduz o lactente na esfera simbólica, isto é, no campo de ação das representações. A autora sintetiza as peculiaridades sexuais desta fase ao destacar que tanto o prazer quanto a excitação derivam do contato do objeto com a mucosa labial e com a cavidade bucal: fontes que elegem a boca como zona erógena; pondera ainda, que, se o seio é constituído objeto, então, por conseguinte, a incorporação do objeto constitui-se o objetivo.

De acordo com Zornig (2008) quando ocorre a deserção do objeto e a fantasia do seio passa a ser representada pela absorvência do seu próprio polegar, o bebê é introduzido num ciclo de autoerotismo; neste ato, pode-se afirmar que a sexualidade se converge de um estado instintivo para um estado de perversão.

Freud (1905) chegou a descrever esse estágio do desenvolvimento como “canibalesco”, visto que, não só o seio, mas tudo aquilo que está próximo ao bebê tem uma direção certa, a boca. Deste modo, a organização sexual infantil inicia-se pela fase oral e a sua dinâmica se mantém ativa durante os primeiros dezoito meses de vida da criança: tempo aproximado de duração deste estágio.

Dentre as diversas características que marcam este período, destaca-se o sentimento de total dependência da criança para com a mãe, pois, é ela que o alimenta e o protege. Neste sentido, Hall e Lindzey (1984) explicam que este sentimento tende a acompanhar o indivíduo por toda a sua vida, podendo emergir, principalmente, em momentos de insegurança e angústia. Segundo os autores Freud assentia que a aspiração de regresso à vida intrauterina configura-se o ápice sintomático desta dependência.

Com o surgimento da dentição, o prazer da atividade bucal é alterado e a sua função primária de sugar passa para uma função secundária, que é a de morder e mastigar: esta fase recebe o nome de oral-sádica. Com o desenvolvimento deste novo ciclo do estágio oral se estabelece também a bases para alguns traços de caráter, estes deverão acompanhá-lo vida afora, manifestando-se como fatores determinantes da sua personalidade. Sendo assim, o comportamento de morder ou a agressividade oral da infância, por exemplo, são representações de uma tendência ao sarcasmo ou a discussão, nas fases posteriores; já a ingenuidade, se traduz no objeto da fixação no nível da receptividade oral da personalidade, ou seja, caracteriza um comportamento passivo, observado em pessoas que “engolem” tudo o que lhes é dito; dramatizações como o cinismo, a fofoca e o excesso de otimismo expressos na vida adulta também tem origem nas fixações da fase oral (HALL; LINDZEY, 1984).

## *2.2 Fase anal*

Intercorre com o desvanecer da fase oral, próximo ao segundo ano de vida. Nesta fase, a energia libidinal que se concentrava na boca é deslocada para o ânus, desta forma, o prazer que outrora era conferido à criança por intermédio da zona labial, é comutado para a zona retal. Assim como a extensão dos lábios, a região do ânus é confirmada por sua função mediadora e de apoio à sexualidade junto a outros atributos corporais (FREUD, 1905). Este estágio, segundo o autor, inaugura o desenvolvimento das faculdades mentais da criança.

Freud (1905) acentua que um importante marco que estabelece essa fase na vida criança é a descoberta acerca da sua capacidade produtiva, a saber, os seus excrementos. O autor enfatiza que na fase anal a criança entra em contato com o seu potencial criativo, pois percebe que sozinha é capaz de fazer algo que vem de si mesma, do seu próprio corpo: tal consciência autentica o fundamento para alguns traços como a criatividade e a produtividade, dentre outros.

Inicialmente, as crianças atribuem um grande valor aos seus dejetos, chegam a considerá-los como parte de seu corpo, e, em certos casos, encontram dificuldades para se separar do objeto (FREUD, 1905). Doutro modo, observa-se que as crianças menores gostam de ficar olhando as suas fezes na privada, e, no momento da descarga, ficam acenando com as mãos e dizendo-lhes adeus; ademais é bastante comum vê-las oferecer o seu resíduo fecal como presente aos pais, sob a forma de agradecimento por tê-las incentivado ao feito (FADIMAN; FRAGER, 1986). Neste sentido, Zimmerman (1999) salienta que o valor do excremento ganha um significado de troca entre a criança e o mundo que a cerca: fato que

retrata o protótipo das equivalências que Freud mencionou em sua análise entre as fezes e o dinheiro.

Hall e Lindzey (1984) enfatizam a relevância de estimular e gratificar a criança ante ao exercício desopilante; explicam que quando é elogiada pela mãe frente ao ato, a criança adquire a noção de que expulsar a matéria fecal é de excepcional importância. Acrescentam ainda que os parâmetros educativos que norteiam a visão desta mãe no tocante a atividade purgativa pode distender resultados impactantes para o desenvolvimento de alguns traços e valores específicos na criança. Por outro lado, quando a mãe se apropria de um método muito severo caracterizado pela intolerância e punição frente ao fracasso, a criança pode reter as suas fezes e constipar-se. De acordo com os autores, se esse molde de resposta se propagar e auferir formas generalizantes de conduta, o comportamento da criança poderá apresentar marcas de avareza e obstinação.

As fixações decursivas desta fase resultam da maneira que os pais fazem o treinamento esfínteriano com a criança, podendo cooperar para o desenvolvimento de duas personalidades distintas na vida adulta, são elas: a anal expulsiva e a anal retentiva. Ambas são consequência de um treinamento rigoroso e sem recompensas; são permeados pela censura, pelo castigo, e, por fim pelo desencorajamento (HALL; CAMPBELL; LYNDZEI, 2000).

Zimerman (1999) ressalta que no estágio expulsivo, o erotismo anal vincula-se à prática de evacuar e a pulsão sádica se resume no aniquilamento do objeto. Nesta perspectiva, Hall e Lyndzei, (1984) afirmam que a crueldade, a destrutividade desenfreada e as explosões dentre outros atos desordenados, caracterizam a personificação de todas as espécies de caráter expulsivo. Para Caracushanski (1990) o movimento de rejeição ou de expulsão hostil do objeto na vida adulta pode ser uma representação específica de uma pessoa que fixou alguma frustração nesta fase.

Já no estágio retentivo, o erotismo anal está vinculado à retenção e a pulsão sádica alude o controle possessivo (ZIMERMAN, 1999). Consoante a esta caracterização, Fadman e Frager (1986) sublinham a obstinação, a ordem e a parcimônia como referências do comportamento adulto oriundo às fixações dessa fase. Os autores esclarecem que as observações de Freud o fez concluir que todos esses traços, em geral, se encontram juntos. Caracushanski (1990) corrobora com essa designação e assevera que além dos sintomas de economia e avareza, uma fixação neste ciclo pode agregar ainda ao sujeito adulto um traço de colecionador; a autora acrescenta que, nesses casos a neurose obsessiva se manifesta como um método defensivo contra a revivência dos prazeres desta fase. Santos (2016) postula que

outros valores simbólicos encontrados em pessoas fixadas neste estágio se caracterizam por ideias sociais de organização, asseio, metodismo e aversão. Nesta continuidade, Fadiman e Frager (1986) acentuam as dificuldades em lidar com as características estruturais ou comportamentais das práticas da higiene típicas da fase anal na contemporaneidade; afirmam que todo embaraço emerge de um onusto de censuras e proibições concatenada às demais áreas da vida.

Caracushanski (1990) expõe que o ato de violar ou descumprir o dever anal no período retentivo introduz na criança um sentimento de culpa; posteriormente, o adulto fixado nesta etapa, revive toda emoção experimentada na infância ao descumprir outros tipos de deveres. Reitera que, devido a primazia das obrigações morais possuir um cunho de natureza anal devem intervir, posteriormente, na notória consecução dos sentimentos éticos e morais que se incorporam às afeições do dever.

Na visão de Furtado e Vieira (2014) a ligação da sexualidade adulta com a fase anal, tal como os seus diversos sintomas e perversões só pode ser concebida a partir do reconhecimento do ânus enquanto órgão que engendra uma função sexual a partir das pulsões que o caracterizam na vida infantil. Assim, Caracushanski (1990) admite que a impraticabilidade na conversão da extensão anal para a genital enquanto centro da libido durante o processo de desenvolvimento pode apresentar sintomas futuros de homossexualidade. Posto isto, observa-se a contiguidade concebida por Freud na tríade sexual que contempla as vivências infantis, as perversões sexuais e o comportamento sexual ordinário nos adultos; assim, constata-se que os elementos decisivos são abarcados pela infância (FURTADO; VIEIRA, 2014).

### *2.3 Fase fálica*

“A locomotiva está fazendo pipi. Mas onde está o pipi dela? [...]. Um cachorro e um cavalo têm pipi; a mesa e a cadeira, não” (FREUD, 1905, p. 18).

Para Zimerman (1999) A curiosidade sexual que emerge nesta fase do desenvolvimento é um dos traços que evidenciam a organização libidinal deste período na criança; se manifesta em constantes “por quês? ”, sempre exigindo a máxima inteligência e criatividade dos pais e educadores para satisfazer o imberbe com as mais adequadas respostas, a fim de aliviar as angustias que afloram ante à questionamentos como aos do pequeno Hans, citado por Freud, que na ocasião declarou que a curiosidade sexual do menino foi fundamental para que ele auferisse um genuíno conhecimento abstrato (FREUD, 1905).

Caracushansky (1990) lembra que esse ciclo de vida da criança alberga um intervalo de tempo maior que as etapas anteriores: segundo a autora vai dos três aos seis anos de idade, aproximadamente; explica que em sua defluência o prazer sexual ocorre, no caso do menino, através da secreção, que é obtida por meio da fricção, uma vez que a zona erotizada é o pênis, para onde se dirige a energia pulsional. Enquanto que, na menina, a zona erógena primária é o clitóris; quanto ao crebro da lubricidade vaginal extemporânea que se apresenta, Freud (1937-1939) pondera sobre a probabilidade de se tratar de uma volúpia clitoriana, por se referir a um órgão congênere ao pênis: fato que não anula a legitimidade do nome “fálico”, conferido a essa fase. A autora prossegue e explica que, neste estágio, segundo Freud, o pênis representa o maior valor psicológico e objetal, e daí advém na criança do sexo feminino os sentimentos de castração. Neste sentido, Aguiar; Farias e Nantes (2015) afirmam que a ausência do pênis na mulher só será compensada no instante em que ela der à luz a um filho do sexo masculino.

Algumas diferenças psicológicas que se processam entre o sexo masculino e feminino fundamentam-se na divergência dos complexos de Édipo, pois, enquanto que na menina o complexo é ínfimo, no menino aparece de forma mais coarctada (AGUIAR; FARIAS e NANTES, 2015). De acordo com o relato das autoras, o complexo de Édipo é o principal marco dessa fase; afirmam que o fenômeno se estrutura a partir das práticas masturbatórias decorrentes de fantasias eróticas que a criança desenvolve em sua vida: o objeto de excitação é, em geral, um dos pais. Complementam a sua descrição acentuando as caracterizações deste portento: o desejo do menino é canalizado para a figura materna e o da menina à effígie paterna, com isso dá-se a aspiração de ambos em retirar do seu caminho todo o protagonismo que lhes ajuízam emulação. Descrevem também que o próprio Freud chegou a reconhecer o complexo de Édipo como uma de suas maiores conquistas no estudo da sexualidade. Vis-à-vis, o mestre relata que a hostilidade dirigida a um dos pais em função do deslumbramento convergido ao outro afiguram entre os principais elementos que constituem os impulsos psíquicos que se organizam neste período (FREUD,1905).

Hall e Lindzey (1984) apontam que um dos aspectos do complexo de Édipo é a bissexualidade; explicam que o fenômeno é originário do investimento sexual que a criança começa a fazer nas pessoas do mesmo sexo, ou seja, pai e mãe; deste modo, os sentimentos de univalência transformam-se em sentimentos de ambivalência, isto é, o sentimento que o menino passa a sentir pelo pai e a menina pela mãe começa a apresentar dois valores. De acordo com os autores, Freud referia-se ao fato como um elemento em comum a todas as pessoas, quer dizer, ele acreditava que todos possuem um legado bissexual, pois, ainda que esses impulsos permaneçam ocultos, cada sexo exhibe sintomas de afeto por pessoas do sexo



oposto ou do mesmo sexo, por isso o caracterizou como o pilar que institui as bases da homossexualidade. Por fim, a eclosão e a repercussão dos complexos de Édipo e de castração representam os pontos medulares do período fálico, os quais facultam vestígios na personalidade humana (HALL; LINDZEY, 1984).

#### *2.4 Fase de latência*

O período de latência entremeia o ciclo da sexualidade infantil e da sexualidade adulta. É nesta etapa do desenvolvimento que ocorre a primazia da genitalidade; é o início da preparação para a vivência de uma sexualidade desfragmentada. Caracteriza-se, por um lado, pela inatividade do desejo edípico (fato que não se constitui como ausência de sexualidade) e, por outro, pelas oportunidades de novas construções, novos prazeres, todos decorrentes de uma considerável acessão de comando e autossuficiência, sendo que, as suas mais variadas complexificações intercorrem das novas experiências que se processam tanto no campo da intra quanto no da intersubjetividade (CAMPEZONATTO et al, 2011). Neste estágio, a energia vital ficará absolutamente à disposição de um Superego objetivo e o inconsciente também auxiliará em toda consecução cultural do universo exterior (DOLTO,1980).

Segundo Zimerman (1999) a representação cronológica da latência é marcada pelo período estabelecido entre os 6 aos 12 anos de idade. O autor também afirma que, nesta fase, emerge, sistematicamente, duas características distintas: a repressão da sexualidade infantil e a estruturação de um reforço das aquisições do ego; esclarece ainda que, da combinação desses dois elementos resulta a sublimação das pulsões sexuais, que, por sua vez, é canalizada para o desenvolvimento moral, social e intelectual da criança. Deste modo conclui-se que é neste interim que se regula a construção do caráter.

Ao descrever o período da latência, Freud (1915-1916) compara esta repressão da energia sexual a diques; afirma que ao longo desse período (integral ou segmentário) erigem-se potencialidades do psiquismo que, posteriormente, irromperão como óbices na passagem da pulsão sexual, adstringindo o seu percurso em forma de diques.

De acordo com Campezonatto *et al* (2011) o desenvolvimento da criança nesta fase de latência não poderá sofrer prejuízos por déficit de diques culturais. Alega que se isso acontecer, o resultado será, invariavelmente, um avanço deformado em seu processo de maturação, causando-lhe uma modificação nas funções egoicas e regressão às fases anteriores de fixação libidinal. As consequências deste fato para a criança podem se traduzir num possível desequilíbrio emocional e algumas dificuldades para lidar com as exigências sociais e ambientais. Assim, uma latência saudável é definida pela atuação isocrômica e subordinada

dos mais profusos mecanismos de defesa aos fins sublimatórios (URRIBARRI, 1999, apud CAMPEZONATTO et al, 2011).

### *2.5 Fase genital*

O derradeiro período da organização libidinal postulado por Freud é a fase genital; inaugura-se com o romper da puberdade e caracteriza-se pela consolidação da vida sexual adulta. Assim, a pulsão sexual que antes era fragmentada, ou seja, advinda de múltiplas zonas erógenas, agora se concentra na zona genital e dirige-se a um objeto sexual: o pênis e a vagina do outro. (COUTO, 2017).

Davis, Fiori e Rappaport (1981) descrevem que, para a psicanálise, o desenvolvimento absoluto de um adulto normal constitui-se na consecução da fase genital; é neste estágio que o sujeito introjeta e elabora o mundo, bem como as suas adaptações biológicas e psicológicas. Nesta vertente, Freud (1905) diz que agora a pulsão sexual se posiciona em favor da função reprodutora, fazendo-se altruísta, deste modo.

Ao discorrer sobre esta etapa do desenvolvimento, Hall e Lindzey (1984) afirmam que o amor de outrora, devotado pelo sujeito a si próprio (narcisismo primário) canaliza-se às predileções mais autênticas e a sua expressão transfigura-se do egoísmo para ao altruísmo. Segundo os autores, é nesta fase que a pessoa desperta o interesse para as atividades grupais, sexuais, profissão, socialização, casamento e, por fim, a constituição familiar. Com o findar da adolescência, as sublimações, as identificações e os deslocamentos tendem a estabilizar esses investimentos altruísticos. Desta forma, a pessoa substitui o seu perfil de criança narcisista pelos traços de uma pessoa adulta, devidamente socializada e instruída para a vida civilizada. Contudo, é um equívoco pensar que os impulsos pré-genitais serão substituídos pelos genitais, em vez disso, a energia ora deliberada dos estágios anteriores deve fundir-se e sintetizar-se aos impulsos genitais.

Embora Freud tenha elaborado distinções entre as fases do desenvolvimento da personalidade, não declarou a realidade de clivagens ou alterações abruptas na transição de um estágio para outro. A organização final da personalidade é o fruto da contribuição dos quatro estágios. (HALL; LINDZEY, 1984).

## **3. METODOLOGIA**

O presente artigo foi estruturado a partir de uma pesquisa bibliográfica que contemplou a leitura, a apuração e a seleção de diversos textos e artigos científicos publicados sobre o assunto. As plataformas digitais utilizadas para esta investigação foram às seguintes: o

Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic), Portal dos psicólogos de Portugal (psicologia.pt), Google Acadêmico e Scielo. Utilizou-se também bases de dados impressas, tais quais: livros, revistas e obras do acervo pessoal, bem como livros do acervo disponíveis na Biblioteca do Centro Universitário UNIFAFIBE. Para a realização da pesquisa literária eletrônica, as seguintes palavras chave foram selecionadas: personalidade, desenvolvimento, psicosexualidade e psicanálise. Depois de examinar o título e a súmula dos artigos encontrados, realizou-se a distinção dos materiais que seriam empregados na confecção deste trabalho. Do acervo disponibilizado pela Biblioteca do Centro Universitário UNIFAFIBE empregou-se maior importância às literaturas das quais os temas apresentavam súpura relação com a formação da personalidade e do desenvolvimento humano sob o ponto de vista psicanalítico. Depois de separar o conteúdo a ser empregado, fez-se a leitura integral do mesmo para posterior organização, de acordo com as normas regimentais do presente artigo.

#### **4. RESULTADOS**

O corolário desinente desta investigação esquadrinha a mesma indagação feita por Severo e Sordi em seus estudos sobre a fixação e regressão da psiquê, a saber, “o que de tão interessante pode haver no passado que de lá não se sai? Por que para lá tanto se retorna ou, em outras palavras, por que tornamos o passado repetidamente presente? (2013, p. 53)”.

Frente aos problemas da fixação enquanto fenômeno originário de alterações (excessiva gratificação ou frustração de determinada necessidade) na construção da personalidade durante o seu processo de maturação, sobretudo nas fases pré-genitais, o postulado psicanalítico aponta para os traumas e conflitos mais primitivos do sujeito humano (material reprimido que habita a esfera inconsciente) como a base etiológica das neuroses que o acompanham durante toda a trajetória de sua vida. Neste, as dramatizações mal elaboradas do passado são revividas pela pessoa de forma dissimulada ante às contingências do presente; por conseguinte, o regresso da libido ao “ponto fixado” representa, de maneira simbólica, o cárcere que tal indivíduo vivencia dentro de si próprio; este, por sua vez, se configura como o fator resultante de um aprisionamento em determinado estágio do desenvolvimento psicosexual: é exórdio aos bloqueios emergentes de suas vivências na fase adulta.

Ante ao contexto aludido, Laplanche e Pontalis (1983) relatam que o fenômeno da fixação é traduzido pela reprodução de particularidades de certa experiência; enfatizam que o neurótico, assim como todo o sujeito humano, é definido pelas vivências que marcaram a sua infância: permanecem coadunados, disfarçadamente, ao desfazimento dos modos mais primitivos de objeto ou de relação. Em sua afirmativa, Freud (1915-1916) relata que, nesses casos, a

pessoa se desconecta na vida, e mesmo gozando de plena saúde e competência, desviou-se do percurso natural da vida. Acrescenta ainda que essa performance é assinalada como um traço global das neuroses, e não um atributo específico de um ou outro neurótico.

Neste sentido, observa-se que, para o dado sujeito a recompensa ou admoestação do presente possui uma configuração egodistônica, pois, apresenta-se de forma despropositada às eventualidades ou circunstâncias hodiernas, qualificando-se muito mais pelo conteúdo que fora impresso em sua personalidade pelas marcas da infância do que pelas convenções decorrentes do fato que deveria produzir o resultado de dada necessidade em seu atual momento, por assim dizer. Desta forma, essa necessidade ganha um caráter sintomático, é cultivada em prol de uma ledice sucedânea, inapropriada para a libido, que além de não alcançar uma satisfação adequada também não consegue adaptar modificações à realidade (SEVERO; SORDI, 2013).

Cumprido acentuar que todo esse movimento do psiquismo não é reconhecido pelo sujeito; ele percebe as limitações presentes em sua personalidade e apreende a disformidade de sua fluência, porém sozinho não consegue identificar as causas deste balizamento, nem tão pouco compreender a sua própria conduta diante de certos eventos, pois, o dado distúrbio intercorre no âmbito inconsciente da alma e aponta a necessidade de a pessoa ser elaborada através de um processo psicoterápico dinâmico que a traga de volta ao curso normal da vida, que a coloque em contato com as satisfações/frustrações compatíveis aos eventos circunstanciados do devido momento, bem como promover pósteras expectativas de vida, visto que, como afirmava Freud (1915-1916) negligenciar continuamente os interesses do presente e do futuro em razão das contingências mal elaboradas do passado, consiste, basicamente no significado da fixação.

Afigurado pelo dado contexto, o caráter repetitivo que se instala na pessoa como força resultante da fixação foi assistido e nomeado por Freud (1915-1916) como “compulsão a repetição”. Segundo o autor, a configuração do fenômeno se dá pela reincidência obstinada da mesma coisa; destarte, neste feito a pessoa atua, fica alienada da vida, visto que, o sintoma manifesto é caracterizado pela constante repetição das suas experiências mais primitivas, e, por se tratar de um evento inconsciente não consegue associar tais vivências ao seu protótipo equivalente. Desta forma, Laplanche e Pontalis (1983) afirmam que todo conteúdo reprimido tenta regressar ao presente, comumente por meio de sonhos, de sintomas, de agir: é o retorno do que foi banido; os autores contextualizam o evento com o quinhão de uma alma penada, visto que, esta só encontra descanso depois da sua libertação. Nesta acepção, cabe ao terapeuta psicanalista auxiliar o sujeito a transpor esse conteúdo recalcado, trazê-lo do

universo inconsciente de volta à esfera consciente, donde fora rechaçado, e, desta forma, ajudá-lo a elaborar os seus traumas mais remotos, objetos contidos desde a mais tenra infância, pois que, tais representações constituem a fonte de todo sofrimento psíquico e origem do seu aprisionamento mental.

De acordo com Freud (1915-1916) toda neurose resulta de uma fixação que foi deliberada em algum estágio do passado; no entanto nem toda fixação representa uma neurose, dispõe uma neurose ou suscita uma neurose. Nesta explanação, o autor tipifica um outro arquétipo da fixação; explica que mesmo sendo um fato em comum a toda pessoa, o dado fenômeno não conduz, necessariamente, a uma obsessão; neste sentido, observa-se que os modos de gratificação mais habituais no universo humano são decorrentes das fixações da fase oral (meio mais primitivo de busca pelo prazer); de uma forma mais geral, verifica-se que mediante aos episódios de grande frustração ou contentamento o indivíduo reage e se refugia nas satisfações intermediadas pela boca, as quais se apresentam pelo comportamento de comer, beber ou fumar; são estes os principais modos de atenção que o dado sujeito emprega para romper com as exigências libidinosas dos conteúdos que transbordam o seu ego: fato que corresponde à posição do autor por não possuir características psicopatológicas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos autores aqui estudados para a realização do presente artigo, depreende-se que a evolução psicosexual fundamenta o psiquismo humano. Os apontamentos incidem claramente sobre as reivindicações de satisfação da energia libidinal enquanto elemento inerente a cada fase do desenvolvimento; também dilucida a dada alacridade como a base que constitui uma psiquê saudável, “higienizada” e destituída de boa parte das neuroses que normalmente se instalam em todo indivíduo, principalmente nos estágios iniciais de sua vida.

Dos eventos inconscientes que emergem e caracterizam o perfil sintomático do sujeito, mais propriamente os originários das fixações, acentua-se a sua importância no equilíbrio das contingências que as instituem, a saber, a satisfação/frustração das suas necessidades básicas; desta condução resulta a prevenção das neuroses obsessivas que, por sua vez, consolidam os comportamentos psicopatológicos de atuação e bloqueio na pessoa.

Da compreensão do objeto recalcado ao objeto fixado: o fenômeno é representado por um movimento de proteção do ego que opera pela repressão; este mecanismo de defesa possui a função de eliminar da consciência todo conteúdo impróprio à elaboração num determinado período de tempo, pois, nesses casos, os recursos egóicos apresentam-se incompatíveis ao seu evento requerente; desta forma, se concebe a vertente positiva do recalçamento, visto que,

mediante às falhas da repressão o ego transbordaria e o consequência imediata seria marcada por prejuízos na capacidade de desenvolvimento do sujeito, porquanto a libido seguiria o seu fluxo normal, porém, se desprovido dos recursos da fixação o indivíduo sofreria os seus danos instantaneamente.

Quanto ao êxito decursivo desta defluência, os apontamentos evidenciam que ao dado sujeito, aquele que alcança o estágio da genitalidade de forma bem elaborada, cabe como compensação a gratificação de um psiquismo limpo, claro, desempossado de qualquer entrave resultante de algum conteúdo de ordem traumática que não fora bem acrisolado em sua respectiva fase pré-genital; doutro modo, a resolução dessa psiquê incide sobre a sua devida elaboração ante ao processo psicanalítico.

## 6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. M.; FARIAS, T. M. S.; NANTES, E. S. Fases psicosexuais freudianas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 4., 2015, Paraná. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>>. Acesso em: 5 de jun. 2018.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRÍGIDO, E.; SIVA, F.B. A sexualidade na perspectiva freudiana. *Revista contemplação*. Marília, n.13, p. 125-138, 2016. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/issue/view/13>>. Acesso em: 13 de nov de 2018.

CAMPEZANATTO, P. M.; HALLBERG, A. E.; SANCHOTENE, B.; SILVA, M. R.; STEIBEL, D.; NUNES, M. L. T. A latência na atualidade: considerações sobre crianças encaminhadas para psicoterapia. *Pepsic*. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942011000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942011000200005)>. Acesso em: 05 de jun. de 2018.

CARACUSHANSKY, S. R. *A terapia mais breve possível*. São Paulo: Summus, 1990.

CORDEIRO, E.F. O inconsciente em Sigmund Freud. *Psicologia.pt*. Disponível em: <[http://www.psicologia.pt/artigos.ver\\_artigo](http://www.psicologia.pt/artigos.ver_artigo)>. Acesso em 5 de jun. 2018.

COUTO, D. P. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. *Revista psicologia em pesquisa*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 57-61, mar. 2017. Disponível em: <<https://psicologiaempesquisa.ufjf.emnuvens.com.br/psicologiaempesquisa/article/.../0>>. Acesso em: 05 de jun. 2018.

CLONINGER, S. C. *Teorias da Personalidade*. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DAVIS, C.; FIORI, W. R.; RAPPAPORT, C. R. *Psicologia do desenvolvimento: teorias do desenvolvimento, conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, 1981.

DOLTO, F. *Psicanálise e pediatria*. Tradução de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1980

FADIMAN, J; FRAGER, R. *Teorias da personalidade*. Tradução: Camila Pedral Sampaio e Sibil Safdié. São Paulo: Harbra, 1986.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. *Compêndio de psicanálise*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2015.

\_\_\_\_\_. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. *Dois histórias clínicas* (“O pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”), Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. *Fixação em traumas - o inconsciente*. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FULGENCIO, L. A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. *Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 101-113, jan/jun. de 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982002000100008>>. Acesso em: 28 de out. de 2018.

FURTADO, L. A. R.; VIEIRA, C. A. L. A psicanálise e as fases da organização da libido. *Revista Scient*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 92-107, fev. 2014. Disponível em: <[http://www.faculdade.flucianofejiao.com.br/.../A\\_PSICANALISE\\_E\\_AS\\_FASES\\_DA\\_ORG](http://www.faculdade.flucianofejiao.com.br/.../A_PSICANALISE_E_AS_FASES_DA_ORG)>. Acesso em: 05 de jun. 2018

HALL, C. S; LINDZEY, G. *Teorias da Personalidade*. Tradução: Lauro Bretones, Aidyl M. Queiroz e Maria C.M. Kupfer. Vol. I. São Paulo: EPU, 1984.

HALL, C. S.; CAMPBELL, J. B.; LINDZEY, G. *Teorias da Personalidade*. Porto Alegre: Artmed,2000.

JORGE, J. D. *A construção da associação livre na obra de Freud*. 2007. 135 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte/MG, 2007. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia\\_JorgeJ\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_JorgeJ_1.pdf)>. Acesso em: 6 de jun. de 2018.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MEDNICOFF, E. *Dossiê Freud*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

POLON, L.C.K; POLON, P.H.H. Sobre Sigmund Freud e a educação. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015, PUCPR. Disponível em: <[http://www.educare.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16553\\_7409.pdf](http://www.educare.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16553_7409.pdf)>. Acesso em: 28 de out. de 2018.

SANTOS, M. F. A. Desenvolvimento sexual infantil. *Psicologia.PT*. abr. 2016. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0980.pdf>>. Acesso em: 5 de jun. de 2018.

SEVERO, C. T.; SORDI, R. E. Fixação e regressão: uma revisão dos conceitos aplicada à prática da psicoterapia de orientação analítica. *Revista brasileira de psicoterapia*, v. 2, n. 15, p. 52-63, fev. 2013. Disponível em: <[http://www.rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=121](http://www.rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=121)>. Acesso em: 05 de jun. 2018

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999

ZORNIG, S.M.A. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Revista psicologia em estudo*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./marc. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722008000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 05 de jun de 2018.